Década será da AL, mas região deve fazer seu dever, diz Iglesias
Humberto Saccomandi

Veterano economista uruguaio alerta para falsa sensação de que "chegamos à terra prometida"

A América Latina terá a sua década, finalmente. Quem diz isso é um dos economistas mais experientes da região, o uruguaio Enrique Iglesias. Mas ele adverte contra um excesso de autocomplacência na região, contra uma percepção de que já "chegamos à terra prometida". E pede que a bonança com a venda de produtos primários para a Ásia não seja um fim em si mesma, mas que seja usada para transformar as sociedades. "Precisamos fazer o nosso dever."

Aos 80 anos, Iglesias fala com a experiência de mais de 45 anos lidando com a economia regional. Ele foi presidente do Banco Central e ministro das Relações Exteriores do Uruguai, secretário-executivo da Cepal e, por 17 anos, presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Desde 2005, dirige a Secretaria Geral Ibero-Americana, entidade multilateral, com sede em Madri, que coordena as cúpulas ibero-americanas.

Iglesias, porém, vê riscos para a década dourada latino-americana. Os desequilíbrios globais não resolvidos, a possibilidade de um ajuste na China são os principais fatores externos. Internamente, a região terá de administrar uma situação macroeconômica difícil no curto prazo e resolver seu déficit de educação e segurança.

Ele acha ainda que a experiência latino-americana servirá de exemplo para a Europa, no caso de uma provável reestruturação da dívida da Grécia.

Iglesias esteve ontem em São Paulo, onde concedeu entrevista ao Valor. Hoje estará em Brasília, onde deve haver um encontro com autoridades brasileiras.

Valor: Temos em toda a América Latina um problema de inflação, que em parte é importado, via alimentos, energia e outros produtos mais caros. Há um debate intenso sobre como reagir a essa situação, se os bancos centrais devem elevar os juros. É aceitável uma inflação maior num momento desses?

Enrique Iglesias: Todos sabemos muito bem pela experiência latino-americana que a inflação é inimiga do desenvolvimento, inimiga das pessoas pobres. É um problema econômico, mas também social. Portanto, a consciência nesse sentido é grande. As pessoas têm uma sensibilidade particular com a inflação por causa das experiências do passado. Mas hoje os bancos centrais e os governos estão muito mais bem preparados para enfrentar as pressões inflacionárias que 20 anos atrás. Sou testemunha pessoal disso.

A tarefa é bem complicada, por vários motivos. Primeiro, muito dessa inflação tem a ver com os amplos desequilíbrios que continuam na economia mundial, entre países credores e devedores, que ainda não acharam saídas e soluções definitivas para a crise. A desconfianças e os riscos continuam. Tudo isso cria correntes financeiras que chegam a nós buscando oportunidades, rentabilidade. Há ainda outros elementos de mercado: os preços das matérias-primas estão muito fortalecidos por causa da demanda asiática; temos uma forte entrada de investimentos na América Latina, que é uma área muito atrativa. Tudo isso cria pressões muito fortes sobre a demanda, o que alimenta a inflação.

Internamente, essa conjuntura de bonança cria tentações de assumir riscos, tanto no consumidor como no produtor, que vão além do que seria prudente e geram bolhas. Somando-se esses fatores, externos e internos, temos pressões inflacionárias muito complicadas.

Os bancos centrais estão conscientes disso e procuram agir de forma prudente. Estamos adotando, cada um dentro da sua realidade, soluções híbridas, pois não há uma única solução definitiva. Eu acredito nessas soluções híbridas.

Os BCs estão adotando políticas macroprudenciais muito importantes, para tentar controlas certos excessos que podem criar pressões inflacionárias setoriais: estão criando barreiras ao ingresso de capitais, apertando as condições para empréstimos imobiliários.

"A renegociação [da dívida] é um instrumento que não pode ser descartado, não pode ser temido. Há esse debate hoje na Europa."

Há uma grande atividade dos bancos centrais, e eles estão indo bem, mas falta um pouco de atividade em matéria fiscal. A política fiscal está um pouco atrasada em relação à política monetária.

A parte fiscal, porém, têm de acompanhar. Mas aí surgem contradições, pois tampouco é fácil cortar gastos. Isso cria problemas sociais, pois as pessoas se acostumam a receber uma série de benefícios. É preciso considerar os elementos políticos. Se você reduz muito a demanda, afeta o nível de vida, e isso tem um custo político que as democracias têm dificuldade de suportar.

Não estamos diante dos problemas dos anos 70. Estamos falando de uma alta de dois ou três pontos na inflação. Mas é preciso muita sensibilidade aos governos para priorizar o combate à inflação.

Valor: O sr. mencionou que as democracias têm dificuldade de suportar alguns custos políticos. Isso está acontecendo na Europa?

Iglesias: Certamente. O sistema de bem-estar, que foi uma das grandes arquiteturas sociais da Europa, que é um modelo onde todos gostaríamos de estar, está sendo tocado pela crise atual. Não apenas pelas reduções nominais de salários, um fenômeno bastante heroico, mas também por cortes de gastos de saúde, por exemplo, que tocam grandes conquistas. E isso alimenta reações políticas e as mudanças de governo. Toda crise ataca o governo no cargo, seja ele de direita ou de esquerda, mas quando ela começa a tocar as bases do Estado de bem-estar social fica muito mais feio. Começam a aparecer reações em todos os campos, como as xenofóbicas.

Valor: A crise na Europa está chegando ao final?

Iglesias: Depende do país. Os países nórdicos e a Alemanha estão bem, exportando bastante. A França está mais ou menos. Mas outros países estão em situação difícil. E não só aqueles conhecidos, como Grécia, Irlanda e Portugal. Reino Unido e Espanha também enfrentam dificuldades. Vão sair delas, já há sinais de saída, mas a saída será dura.

No caso da Espanha, por exemplo, a produção de energia voltou aos níveis pré-crise. As exportações aumentaram, há redução nos déficits em conta corrente, os esforços dramáticos de redução do déficit fiscal. Há um processo de reação, mas vai demorar, não é uma questão de um ano ou dois. Vai levar tempo, mais de quanto os espanhóis gostariam. E temos ainda o desemprego, que na Espanha é muito preocupante.

Valor: Por que a Europa caminha a duas velocidades, com áreas que vão muito bem e outras que estão ficando para trás?

Iglesias: Fiquei impressionado de ver duas coisas. Primeiro, a falta de posições unificadas entre EUA e Europa, que estão com políticas diferentes. Os EUA tem uma política de "easy money"; a Europa tem uma política de retração, de consolidação fiscal muito forte. Os EUA estão começando seu ajuste também, mas ainda não há uma uniformidade que eu gostaria de ver nas grandes potências.

Dentro da Europa há problemas de diferenciais, de países mais bem preparados que outros para encontrar soluções. E isso dá a sensação de que hoje temos um mundo desenvolvido que ainda não dá sinais de controlar definitivamente a situação. A crise continua, o sistema financeiro ainda não foi completamente saneado, o setor fiscal continua com déficit importante

em alguns países. Tudo isso cria incertezas. No momento atual da crise mundial, o maior problema é a Europa.

"Ter produtos primários é uma desgraça, é uma bênção. Sempre repito o que Cervantes dizia, que é melhor ter que não ter."

Valor: Por quê?

Iglesias: Pela forma como criaram os seus problemas. O caso da Espanha, por exemplo, a construção civil era o motor central da economia. A queda desse motor criou essa situação de desemprego. Relativamente, o mundo está deixando a crise para trás, mas o problema é o desemprego.

A grande diferença da América Latina é o emprego. Na Europa, mas também nos EUA, o ciclo de recuperação não está criando os empregos necessários. Isso atinge diretamente os pilares do Estado de bem-estar social e é difícil de resolver, como mostrou a crise dos anos 30. E esse desemprego está muito concentrado nas faixas mais jovens, de 20 a 40 anos, o que gera tensões sociais complicadas.

Valor: Países como Grécia e Portugal, que não acompanharam as sociedades tecnológicas do norte da Europa, terão de se reinventar?

Iglesias: Toda crise provoca modificações estruturais na economia. A Espanha, por exemplo, terá de encontrar uma fonte de dinamismo que não será mais a construção civil. O país está tentando avançar em setores exportadores, mas isso requer tempo.

A Espanha tem um fator muito importante a seu favor, que é a dinâmica das empresas espanholas no exterior, que outros países não têm. Essa forte presença no exterior de multinacionais espanholas ajuda o país. Mas não cria empregos na Espanha.

O problema do desemprego é sério e será resolvido com a introdução de novas atividades. Mas a substituição do grande motor da construção vai levar tempo. Muitos dos trabalhadores desse setor tinham pouca formação e são mais difíceis de absorver.

Um elemento positivo este ano será o turismo. Por causa da crise nos países árabes, isso terá um enorme impacto sobre o turismo europeu, que vai privilegiar países como Espanha e Itália.

Valor: A Grécia será obrigada a reestruturar a sua dívida?

Iglesias: Não deveríamos ter medo da reestruturação. Tivemos esse problema na América Latina, no final dos anos 80, e ficou muito claro que a dívida era uma espécie de peso que asfixiava o desenvolvimento. Então houve o plano Brady, que permitiu ao mercado reconhecer que não iria receber a dívida no valor nominal e aceitar entregar a dívida por um valor menor, em troca de ativos seguros. Acho que a Europa deveria olhar essa experiência, que foi muito bem-sucedida.

Valor: Mas a América Latina fez duas coisas: reestruturou a dívida e desvalorizou as suas moedas. Os países da zona do euro não podem desvalorizar a moeda.

Iglesias: Sim, no caso da Europa é mais difícil pois o euro não dá essa possibilidade. Mas, ainda assim, muita gente pode preferir vender uma dívida duvidosa por um ativo seguro menor. O meu país, o Uruguai, durante a crise da Argentina, fez um acordo com os credores que reduziu o peso da dívida e do serviço da dívida. E correu tudo bem. A renegociação é um instrumento que não pode ser descartado, não pode ser temido. Há esse debate hoje na Europa. Creio que vai se chegar a uma coisa assim.

Valor: Quem teme a renegociação da dívida na Europa são os países devedores ou os credores?

Iglesias: Os dois. A dívida está em parte com o sistema bancário dos países credores. Mas é preferível enfrentar isso, com uma solução como a uruguaia por exemplo, na qual não houve corte no valor da dívida, mas redução nos juros. Com isso, nos balanços bancários, ficou o mesmo valor. Cortar os juros ou estender prazos são soluções que podem ser negociadas. O meu conselho à Europa é: dê uma olhada no que fizemos na América Latina.

Valor: Nos últimos anos, houve um processo de reconcentração das exportações da América Latina em commodities. A região está condenada a ser uma exportadora de produtos primários?

Iglesias: Isso embute uma visão de que ter produtos primários é uma desgraça. Não é uma desgraça, é uma bênção. Sempre repito o que Cervantes dizia, que é melhor ter que não ter. Somos abençoados pela natureza por ter matérias-primas. Agora, se você utiliza bem, é positivo; se utiliza mal, é negativo.

A ascensão da Ásia cria um novo patamar na demanda mundial. Nós temos tudo o que eles precisam: alimentos, metais, energia, água, florestas. Isso é um grande depositório de oportunidades. Temos uma demanda assegurada, que pode ser um importante tonificante dos preços.

Isso nos dá uma gordura para fazer as coisas que não fizemos e empreender grandes projetos de transformação da nossa sociedade. Só com matérias-primas não se faz desenvolvimento. Se fosse assim, países produtores de petróleo seriam desenvolvidos, e não são. Os países não podem pensar que, por ter matérias-primas, basta.

Hoje a América Latina tem uma vantagem muito importante que às vezes não reconhecemos, que é uma capacidade de gestão econômica muito melhor que no passado, como no caso dos bancos centrais. Isso, aliado à gordura das matérias-primas, cria oportunidades para fazer o que temos de fazer, como aumentar a produtividade da economia, com investimentos em tecnologia e inovação; a revolução educacional; um programa muito importante de infraestrutura. Isso criaria as bases de uma economia diversificada, que poderia dar soluções aos problemas.

Se ficarmos apenas com as matérias-primas, teremos o destino dos países petroleiros, que vivem da renda do petróleo, mas isso não é desenvolvimento, é rentismo.

Temos que aproveitar essa oportunidade. Isso vai durar algum tempo. Temos que enfrentar uma coisa que hoje me preocupa na América Latina, que é a autocomplacência, acreditar que chegamos à terra prometida, o que não é verdade. Temos muito a fazer. Isso tem muito a ver com o excesso de otimismo, que pode levar a excesso de risco, tanto dos investidores como dos consumidores. Na América Latina temos hoje uma dinâmica consumidora muito forte, que está deixando as famílias endividadas. É preciso tomar cuidado.

Portanto, esse processo de abundância já conhecemos do passado, e sabemos como termina normalmente. Otimismo é positivo, mas autoconplacência é muito perigoso. Temos de ter instituições que possam controlar os excessos.

Valor: Os dois candidatos à Presidência no Peru prometem elevar impostos das empresas. A América Latina em geral tem uma carga fiscal baixa. O sr. acha que a elevação dessa carga fiscal é um tendência?

Iglesias: Deverá ser. Você não pode dar resposta às demandas sociais e às demandas econômicas com uma carga fiscal de 10% ou 12% do PIB. O Estado pobre dá serviços pobres. Conheço países com 9% de arrecadação fiscal. Com isso, você não pode fazer educação, saúde, infraestrutura, Previdência. Muitos países vivem do complemento fornecido pela receita petrolífera. A reforma fiscal hoje é uma das mais importantes na América Latina. E não apenas para elevar a receita, o que já positivo, mas para melhorar a qualidade da receita. A arrecadação com impostos indiretos é muito maior que com impostos diretos.

Valor: Já o Brasil tem uma carga fiscal quase de nível europeu, mas oferece muitos serviços de nível sul-americano.

Iglesias: Ou seja, para o Brasil é mais importante melhorar a qualidade do que ampliar a receita. Mas também é importante melhorar a qualidade da receita.

Valor: Quais são os grandes riscos para a América Latina?

Iglesias: Primeiro: os desequilíbrios não resolvidos dos países centrais. Ainda temos riscos de uma involução do ciclo internacional e um longo processo de instabilidade, que nos afeta particularmente. O G-20 até agora não disse nada sobre isso. E nesses desequilíbrios globais temos as grandes correntes de capitais que levam a esses tsunamis financeiros, que geram apreciação das moedas locais.

Um segundo problema é controlar os desafios macroeconômicos de curto prazo, para os quais não há soluções mágicas, usando políticas macroprudenciais. Precisamos de soluções híbridas para fazer uma combinação difícil.

Depois vêm os problemas da educação e da violência. A violência é muito grave, pois se instalou na região o crime organizado.

O último risco é uma preocupação com um ajuste na economia chinesa. A China tem uma dinâmica particular, mas eu me pergunto se realmente vai continuar com esse crescimento tão vigoroso. Pode haver um ajuste, e isso afetaria o preço das matérias-primas.

Mas temos finalmente a grande chance de uma grande década. Pela primeira vez temos uma potência global, que é o Brasil. Para nós, é muito importante que o Brasil cresça. Será uma década da América Latina, mas temos de fazer nossos deveres.

Valor: O que falta para a América Latina avançar em educação?

Iglesias: Falta um grande compromisso nacional em todos nossos países. Ficamos muito atrasados nesse tema, apesar de haver áreas que atingiram níveis razoáveis. As novas tecnologias permitem alcançar esses objetivos, que são muito mais urgentes que no passado. Pode-se acelerar a formação, e isso já está começando em alguns países. Mas, para isso, tem que ter, além dos computadores, professores capacitados para utilizar esses computadores, e isso leva tempo, precisa ser preparado.

A América Latina fez um esforço grande para que a criança chegue à escola, mas o problema é que a criança deixa a escola. Temos um grau de abandono escolar muito grande. Temos também de ter um ciclo básico de 12 anos de estudo para falar de uma população realmente preparada. Isso ainda está longe. As universidades latino-americanas também aparecem muito mal nos rankings.

Valor: Isso é só falta de dinheiro?

Iglesias: Não só. Às vezes é má aplicação do dinheiro. A sociedade em geral não gasta pouco com educação, mas gasta mal. Há problemas de ineficiência no sistema educativo. É preciso começar da pré-escola, alimentando bem as crianças. Não há muito mistério nisso, é só ver o que os asiáticos fizeram. Mas nunca houve uma visão tão clara dos países e, sobretudo, da opinião pública quanto a isso. Os pais sabem que é preciso educar seus filhos, pois é uma forma de sair da pobreza.

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 3 maio 2011, Primeiro Cadernp, p. A14.

Utilização de acervo exclusivo para fins educacionais